



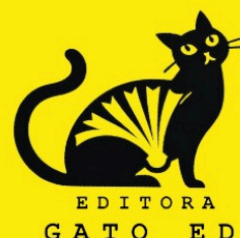
Mulheres Vivas Vozes que não se calam

Leila Leite (Organizadora)

Editora Gato Ed

Um livro para mostrar a voz e a criatividade de mulheres que estão lutando por seu viver, sua existência importa, seu pensamento a respeito do mundo importa. Aqui estão a sensibilidade, os sonhos e sorrisos de muitas mulheres, mas também tem muita memória, muita lágrima em cada palavra e em cada luta.

ISBN 978-65-284-0316-5



Leila Leite
(Organizadora)

Mulheres Vivas
Vozes que não se calam

Editora Gato Ed
2026

Capa: Leila Leite

Diagramação: Leila Leite

Imagem de capa: Canva

Edição: Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

M956

Mulheres vivas : vozes que não se calam [recurso eletrônico] / organizadora Leila Leite. — 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2026.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-284-0316-5

1. Antologia literária. 2. Literatura brasileira.
3. Poesia brasileira. 4. Contos brasileiros. I. Leite,
Leila.

CDD23: B869.8

I-3001263

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

**Este livro é disponibilizado de forma gratuita em
seu formato E-book no site da Editora Gato Ed**

E-BOOK GRATUITO



Colaboração

Colabore com nosso trabalho doando qualquer valor, assim você nos ajuda a continuar distribuindo e-books gratuitos, alimentando nossos pets com qualidade e realizando nossos eventos.

Pix:editoragatoed@gmail.com

Leila Cristina Leite Ferreira



Heliana Barriga



Nossa poeta mulherageada

Este livro é fruto do Primeiro Sarau intitulado, Mulheres Vivas. Vozes que não se calam, aqui estão as poesias das mulheres que se disponibilizaram a participar do evento recitando e escrevendo suas poesias.

Um e-book com muitas poesias escritas a partir da vivência de cada um, enquanto mulheres, enquanto artistas que vão deixando sua marca no mundo.

Afinal, o que significa ser menina no Brasil? Significa tantas coisas boas e ruins, ser poeta, estudante, cientista, ser feliz, sorrir, pular, subir em árvores, correr, ser atleta. Mas, infelizmente também significa viver com medo, com o pânico de viver no país que mais mata mulheres, cis e trans.

Diante disso, esse livro e o sarau que lhe deu origem são forças para que nós possamos gritar MULHERES VIVAS, para que parem de nos matar.

Este é um livro para falar da força femina que faz com que as mulheres escrevam e se movimentem para mudar a história. Afinal, quando as mulheres se movimentam transformam a história.

Espero que gostem.

Boa leitura!

Leila Leite



A Mulher do Reflexo no Espelho

Rosa Rodrigues

Desde menina, ela aprendeu a pedir desculpas.
Não por errar, mas por existir demais.
Desculpa por falar alto.
Desculpa por saber.
Desculpa por ocupar a cadeira que, silenciosamente, parecia não ter sido feita para ela.
Na escola, diziam que era inteligente, mas.
Sempre havia um “mas”.
Bonita, mas opinativa.
Capaz, mas intensa.
Promissora, mas... mulher.
Ela cresceu cercada por livros escritos por homens que nunca a conheceriam. Alguns diziam que mulheres eram falhas da natureza, outros que serviam apenas para gerar vida, como engrenagens bem ajustadas a um propósito alheio. Ela não sabia os nomes desses autores, mas sentia os efeitos: cada vez que duvidava de si, eles ainda falavam por sua boca. Os homens ao redor caminhavam com passos largos. Erravam em voz alta. Aprendiam errando. Tinham o direito à arrogância confundida com confiança. A ela restava a cautela. Se errasse, confirmaria a tese antiga: não era capaz.
Se acertasse, era sorte.



Assim nasceu a impostora.

Não como falha de caráter, mas como mecanismo de sobrevivência.

Quando adulta, ao conquistar espaços que antes lhe eram negados, o corpo avançava, mas algo a puxava de volta. Uma voz antiga, herdada, sussurrava: cuidado, vão perceber. Era a história cobrando seu preço.

Séculos de silenciamento condensados em um pensamento curto e cruel.

Ela olhava para o espelho e não via a mulher inteira. Via recortes.

Fragmentos. Um reflexo treinado para diminuir-se. O espelho não mentia, apenas repetia o que o mundo havia ensinado.

Mas um dia, ela ouviu outras vozes.

Mulheres vivas.

Mulheres escrevendo.

Mulheres dizendo seus nomes sem pedir licença.

Em rodas, páginas e encontros, ela entendeu: não estava sozinha, nem errada. Aquela dúvida não era pessoal. Era estrutural. Tinha sido plantada quando ensinaram aos homens que eram superiores e às mulheres que eram suficientes apenas quando úteis, dóceis, silenciosas.

Percebeu então que os maus-tratos que ainda atravessam gerações não nascem do nada. São frutos de uma educação que autorizou uns a dominar e ensinou outras a aceitar. A impostora não é a mulher, é a mentira que contaram sobre ela.

Naquela noite, diante do espelho, ela não pediu desculpas.



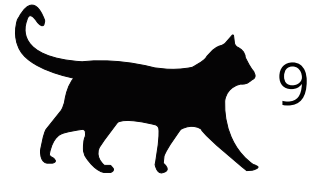
Nomeou-se.
E ao fazer isso, algo se moveu.
Não o mundo, ainda.
Mas a história dentro dela.
Romper com a síndrome da impostora não foi se convencer de que era capaz.
Foi reconhecer que sempre foi.
E escrever, afinal, era isso:
um jeito de devolver ao mundo
o que ele tentou apagar.



As Galinhas

Heliana Barriga





As Galinhas

As galinhas rápidas, ciscavam sobre o chão que sangrava, e inauguravam telas com feridas expostas e ovos vermelhos trincados.

A terra arranhada gritava em cores parte de suas dores.

As plantas pingavam
cores maceradas nas mãos manchadas e ossudas.

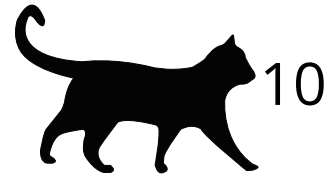
A garganta pigarreava vermelhos vivos nos exames de rotina.

Na estética das sensações, a dor das estações modificadas.
Paisagens uterinas doloridas e fedidas nos sonhos das meninas.

A argila vem da terra e a arte vem das mãos. Enfio a mão na terra e nascem hárpias com unhas feitas e decoradas.

Em outubro é rosa com a virgem de Nazaré.





Gratidão à argila na arte das mãos.
Mãos quentes na arte da argila fria.
Cirandas de folhas na arte do chão Ventarola a ação.

A diversidade das plantas na arte arredondando o chão.
Beija-flores em gravetos finos equilibram o beijo da flor invisível
do dia.

Móbiles equilibrando o pensamento.
O pensamento do equilibrista está em desequilíbrio.
O buriti quando morre brinca.
Avermelha a água e faz brinquedos leves.

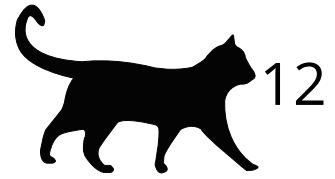
Rastros e restos de carroceria.
Amorregar carroceria velha de caminhão.
Juntar-me destino e táboas na minha distração de artesão.



O Romantismo de 8 de março

Rejani Aguiar





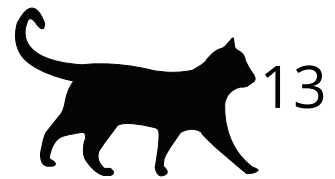
O Romantismo de 8 de março

Entre oitos de marços
E os lisonjeios para Ela!
A Mulher Maravilha !
Porque tem dois empregos

A forte guerreira que criou e
formou os filhos sozinha
Faxinando o chão alheio
Enquanto o seu encardia
Ou nem se lavava por ser de barro duro.
Aplausos para a mulher poderosa!
Que apanhou calada do marido por anos,
Por dependência do pão de cada dia para o rebenito.

Que mulher !
Traída pelo marido por outra mulher mais jovem
Desde que suas rugas e flacidez surgiram
Pelas intempéries e os tratos da vida.
Mas que aguentou firme,
Afinal a mulher que dignifica o lar
E que tem que manter a tal "família" unida
(mesmo que o pai já seja ausente)





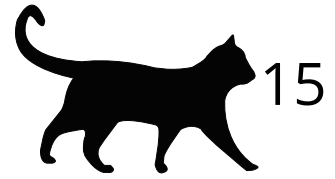
Declarações e reconhecimentos
Justos e merecidos
Mas o romantismo que se faz
Nesses tolos adjetivos são ilusórios.
A cada um deles que nos dirigem
Só nos alquebram os ombros.
Nos pesam as costas.
Passam ser função, obrigação!
Porque a partir daí
Não podemos ter falhas, o que é irreal.
Quando o que queremos ser
É não sermos obrigadas a nada !
É ser Mulher
O que já nos eleva ao primeiro pódio.



Força Feminina

Anne Cavalcante





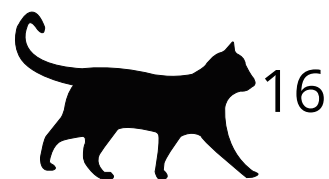
Força Feminina

A quem queira definir
Ou mesmo afirmar
Que mulher é para servir
Destinada ao altar.
Envolta ao preconceito
Limitando os seus feitos
Coibindo-lhe o caminhar.

Sob a cultura da posse
Sem direito a própria vida,
Pois do machismo é vítima.
Em nome da convencionalidade
Que ao patriarcado convém
Cercear-lhe a liberdade
Como diminuta alma refém.

Da medieval mordança
Até hoje se impõe
Para silenciar sua voz
E o poder que ela tem,
Mas a força feminina
Reluz gloriosas conquistas
Nas áreas que lhe convém.





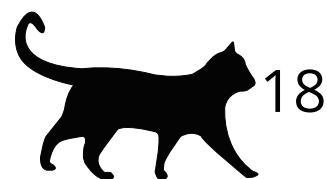
Pujante por natureza,
Bordada de sensibilidade.
Faz o mundo girar,
Conforme sua vontade.
Ela é o próprio amanhecer
Do florescer a à maturidade.



Ribeirinha

Joana Chagas





Ribeirinha

Todas as manhãs ela acorda cedo, põe a água no fogo, prepara o café e o toma.

Em seguida, arruma a cesta feita da tala e se dirige à beira da praia.

De longe é possível avistar o tronco fino de árvore fincado na areia dentro da água. É ele o marcador do local onde ela arriou o seu matapi ou puçá para pegar camarão. Colhe tudo que é possível e retorna com a cesta cheia. A pesca é o que lhe garantirá uma boa venda e uma boa alimentação. Todos os dias é esse ritual.

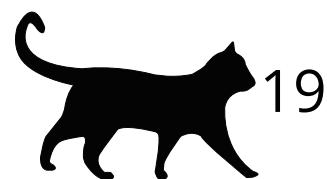
A força dessa mulher ribeirinha, que sustenta a família de seis filhos, com o suor matinal de seu trabalho.

De onde vem essa mulher? Quem sabe seja ela uma indígena, quem a luta pela sobrevivência sequer permite que sua memória se mantenha acesa, fluída, para não se apagar?

Daqui de onde estou, por entre as árvores, a tudo registro.

Tu





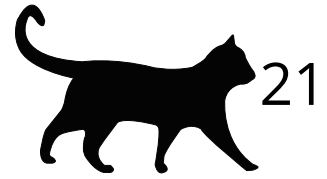
do o que sei é que mais tarde, na hora em que eu for banhar na praia, certamente, sentirei o pitiú do camarão, que misturado com minha imaginação, me traz o temor de infância: cobra grande. Mas que medo, que nada! A cobra grande dorme debaixo da cidade, em Belém.

E também sei que agora a esta hora ela dorme sossegada, pois ontem foi o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e não irá acordar tão cedo, assim como a rotina daquela mulher também não.



*Mulher
da vida
Zel Rodrigues*





Mulher da Vida

Mora dentro de mim uma mulher
Uma fada enlouquecida
Desbocada e atrevida

As vezes ninfa acetinada
Outras mulher da vida

Essa mulher me chama
Me bate na cara
Faz comigo um programa

Morde minha carne sem dó
Me beija
Diz que tem amor

Acalanta a minha alma
Me acalma me abraça
Depois me escorraça

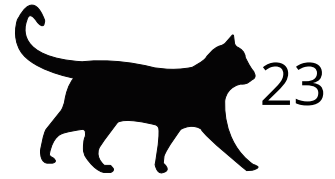
Ah essa mulher da vida
Essa deusa platinada
Quem me arrasta pra lida



Auto-Retrato

Helenice Silva





Auto-Retrato

Sou de um lugar de ruelas e veredas
Com fragmentos de pai, pedaços de mãe,
De onde me criei com bichos, árvores e rios e crias humildes
Onde via a lua cheia e os quartos de amargura e lágrimas.

Sou de um lugar com traços de ontem,
de um fio de rosto
e boca de sombra
Gosto de lugares entre pedras e águas que correm
Sou assim improvável e improdutivo,
Sou de pele e osso, de objeto consumível,

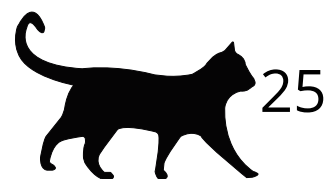
Tenho a forma da ignorância com polpas de arrogância
Tenho recheio de cascos e crostas,
Rasteio a desonra, a fome e a intolerância...

Descubro os caminhos que me levam ao acaso,
Me procuro no vazio e me encontro nas curvas
Tenho um tempo que persigo, ilimitado.



*Meu
Rosto
Tânia Saraiva*





Meu Rosto

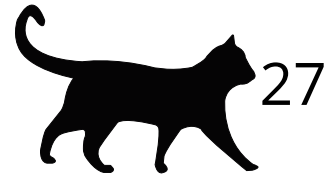
Aos poucos vejo a mudança chegar
o tempo conta a minha história
menina, mulher
o tempo não parou
Meu rosto
me encara
me conta certas intrigas
tuas rugas não são bem vindas
Sociedade pesa
quando o teu rosto é de mulher
Me encara!
fala na minha cara!
eu direi
o tempo não parou
Sociedade misógina faça-me um favor
corta a tua língua
porque o tempo não parou!



Sou Poeta

Adriana Costa

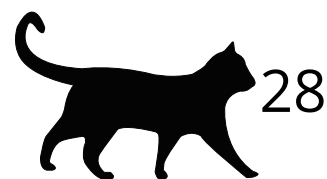




Sou Poeta

Sou poeta
E a poesia me desobriga
De sê-la
Não tenho contrato nenhum
Com a palavra ou com o tempo
Tampouco
São meus atributos
Os saberes da vida
Apenas me foram dados
Olhos que choram
De fome
Emoção e desejo
E um coração que bate
Compassado e meio torto
Com os rebeldes
Os loucos e os famintos
Onde tem céu
A noite me cala
E sou devorada pelas madrugadas!





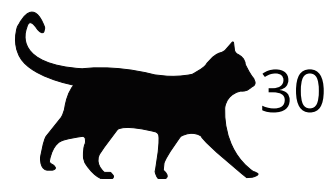
Meus pés não foram
Dados às sandálias
O chão me anda
E me germina
Sou solo fértil
De sentimentos extremos
Amo desvairada
E minha fúria faz tremer meus mundos
Não me adapto ao constante
E, sequer, a ternura me resume
Com os mesmos pés
Que vislumbam a areia da praia
Piso na cara estúpida
Da desfaçatez humana
Não sou boa, nem sou má
Sou a boca que precisa gritar
Sensibilidade e revolta
Aos que, de tão oprimidos
Estão a olhar e nada vêem
Estão a existir, mas lhes falta vida...
O que desejo é ser a língua
Os dentes
E o estômago da poesia!



Mulher Viva

Rosa Rodrigues





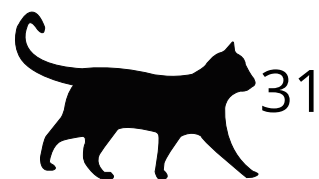
Mulher Viva

Quem disse que a mulher
precisa sempre desacelerar?
Mentiu. Corra, salte, se reinvente,
não peça licença para se libertar.

Morta sim, aquela versão antiga
que vivia dizendo “sim” pra tudo,
aceitava calada o que vinha
e não ousava mostrar seu mundo.

Respeite suas vontades, desperte a lucidez.
Quem foi que decidiu
que você devia aceitar o pouco,
se pode transbordar de vez?





Sonhe alto, siga firme,
olhe pra si e veja o valor.
Será que ainda existe mulher
achando que merece menos amor?

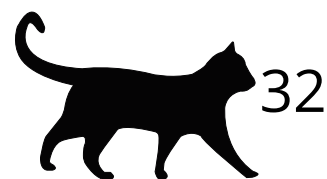
Pensa bem, mulher!
Quantas vezes sua voz apagou,
ou por medo de ferir o mundo
foi você mesma quem se calou?

Mas hoje o mundo escuta,
sua voz ecoa e não vai embora.
Quem pensou que você desistiria
na primeira queda ou última hora?

Estamos vivas, fortes e inteiras,
com a coragem que nos ampara.
Seja também essa mulher valente
que não foge da própria luta.

Livre-se do peso antigo,
da culpa que te consumia.
Defenda seu espaço, seu riso,
seu corpo, sua poesia.





Use sua voz sem medo,
diga o “não” bem alto e consciente.
A versão passada ficou pra trás:
a mulher de hoje é independente.

Somos muitas, somos fortes, estamos vivas
Ah... e hoje, ninguém nos cala.

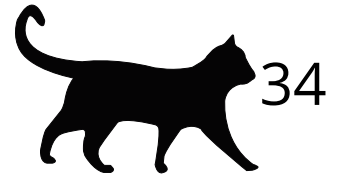
Nunca mais.



A Força das Mulheres!

Diana Pérola Negra!





A Força das Mulheres!

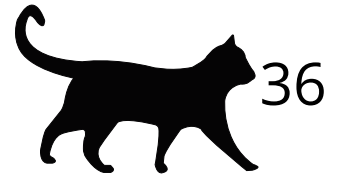
Mulheres são vistas com fragilidade,
Mas Mulheres tem potência
E na sua essência
Superam a dor,
Com o Amor!
Superam os preconceitos
Lutando por mais direitos,
Por mais respeito.
Mulheres tem grandeza,
E na alma rara beleza,
Mulheres não renascem das cinzas,
São bravas guerreiras
Não renascem do pó,
Renascem da própria Vida!
Renascem da incansável luta pelo direito de existir
E de resistir,
E de ser feliz!



Mulheres

Lene Negri





Mulheres

Mulher é força que dança no chão,
É luta que bate no compasso do coração.
Tem leveza no riso, no jeito de andar,
Mas tem a resistência e aprende a estar.

É arte que pulsa na voz e na mão,
Poesia acesa em forma de ação.
É Bruxa da terra, do fogo, do ar, do ser!
Com dignidade no verbo: viver e viver.

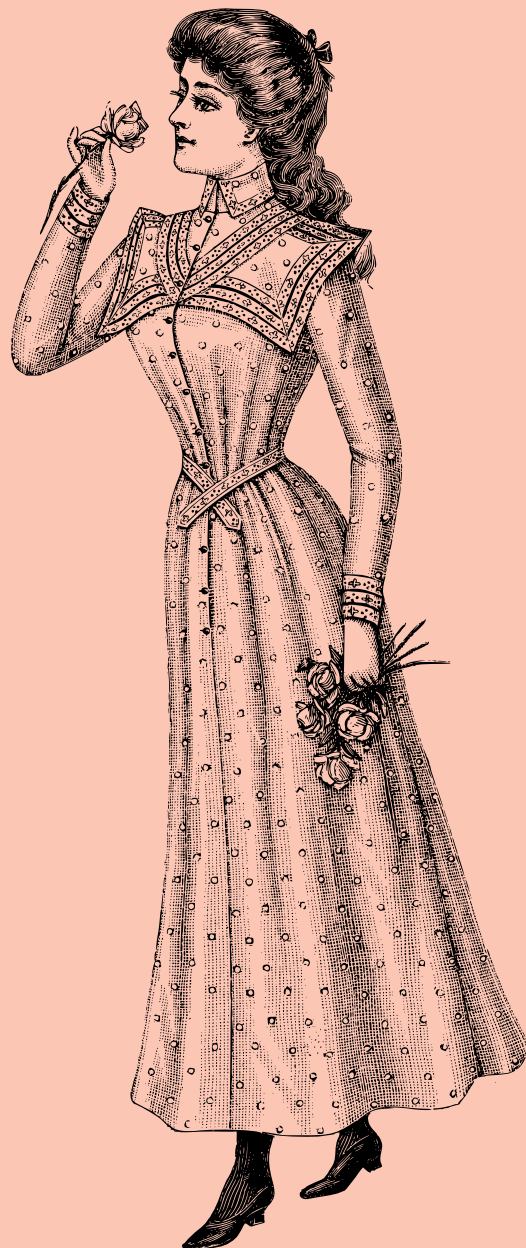
É esperança que insiste em voltar,
Feito verso teimoso que quer recomeçar.
É liberdade solta no ar,
É coragem bonita de viver sem negar.

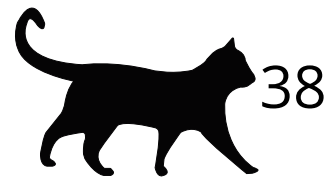
Mulher sabe quem é, sem se esconder,
Não nasceu pra pedir,
Nasceu pra merecer.



Resiliência, palavra feminina

Ana Selma Cunha





Resiliência, palavra feminina

Elas renascem,
Da dor, da opressão.
São chama que arde,
Resistência que não se curva.

Raízes profundas, firmes e fortes,
Grandes árvores que resistem às tempestades
Multicores que explodem,
Em renascimento, nova vida, novo rumo.

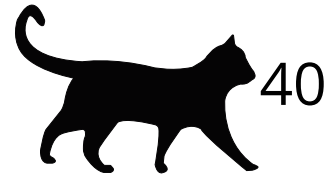
Resiliência nomeia sua trajetória,
Sua luta por igualdade, justiça, pela vida.
Mulher, potência da natureza
Que teimosamente vive.



Flor Nascente

Ipê - Isabelle Pires





Flor Nascente

Todo dia nasce em mim
Um girassol da cor de um desapego.
Brilhando mais forte que a estrela mais brilhante,
Me dá sossego.

Mais que o Sol,
O girassol esquenta meu interior.
Submerge no mar da minha solidão,
Clareia e "arco-irisa", meu silencioso mundo, de amor.

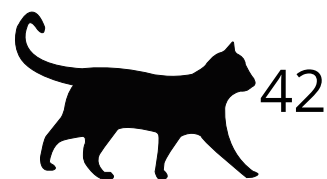
Como posso deixar de pensar
Nesse girassol ardente?
Como posso esquecer que nele me faço e me desfaço?
Flor, mulher, espírito vivente.



Poema para Henriqueta

Tânia Monteiro





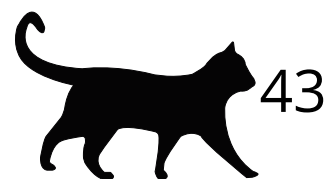
Poema para Henriqueta

Era para ser uma viagem de ida e volta
Quis o destino que a estrada calasse a tua voz
Mas não silenciou tua luta.
Porque há vozes que não morrem: permanecem na memória e na justiça
que sempre tem que ser buscada.

Henriqueta, tua ausência pesa,
mas teu legado caminha firme.
Defensora dos direitos humanos, guardiã da infância e da juventude e
incansável na defesa das mulheres.
Tua história foi feita de coragem e de amor que não pedia aplausos.

Nos dias sombrios da CPI da Pedofilia, foste presença constante na Alepa.
Voz que não recuava diante do medo.
Mão estendida às vítimas.
Denúncia erguida contra a impunidade.





Ali, tua palavra era abrigo
e tua firmeza, esperança.
Mulher que nunca calou diante das injustiças do Marajó.
Defendeste aquele povo
com a mesma ternura com que defendias a vida.
Caminhaste ao lado de Dom Ascona, e agora, segues com ele em outro
plano de luz e justiça.

Sensível e valente, partiste cedo demais, quando ainda havia tanto por
fazer.
Mas quem viveu para o bem não parte por inteiro: permanece em cada
gesto de igualdade,
em cada criança protegida, em cada ato de justiça social.

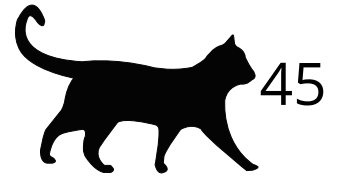
Henriqueta, tua voz foi calada, mas tua história não.
Ela segue viva, chamando todos e todas à luta.



Liquida

Janete Borges





Líquida

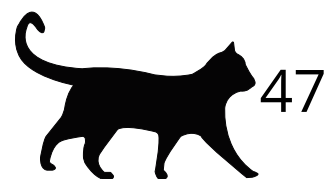
Mulher é água
Por ser líquida
Se espalha
Penetra onde for
É calma como o açude
é fluidez como o Riacho
é força como a Correnteza
É explosão como a pororoca
É fascinante como a cachoeira
é fluxo como rio
É densa como o mar
é profunda como o oceano
Por ser mulher é líquida
é água, é portal para a vida...



Amazonas

Ana Paula de Souza





Amazonas.

Palavra que evoca guerreiras mitológicas, que dá nome para a maior floresta tropical do mundo. Não por acaso, é também a palavra que descreve a mulher amazônida.

Nesse encontro de sentidos – mitologia, natureza e identidade –

Nasce uma força única: a mulher que é rio, raiz e resistência.

Ela carrega em si uma potência descomunal, como os ventos úmidos que sopram vida sobre a

América do Sul.

Ela é rio de sabedoria que flui com suavidade, como o Xingu serpenteando o coração da Mata.

Essa Mulher-Natureza, ou Natureza-Mulher, cuida da vida em múltiplas formas:

Gera filhos no ventre,

Resiste ao desmatamento,

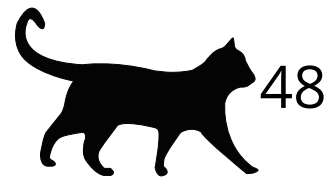
Enfrenta a misoginia,

Cultiva a terra,

Regula o clima.

Duas palavras femininas, definidas pelo artigo “A”:





A mulher.

A natureza.

São sinônimos de força, de sabedoria, de cuidado.

A expressão “é de natureza feminina” agora assume um sentido potencial de comparação entre Mulher e Natureza.

Descrevendo, assim, a mulher amazônica em sua essência:

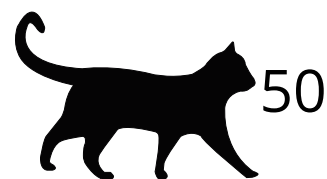
Forte, protetora, ancestral.



Força feminina, Renascimento e Resistência

Linamara Muniz





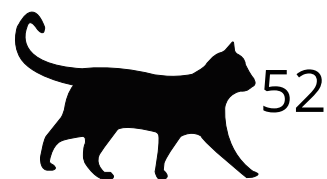
Força feminina, Renascimento e Resistência

A dor e a desilusão de expectativas não atendidas,
Me fizeram entender
que já não há tantas esperanças
Em abrir
E descobrir
O que há por trás das portas
Fechadas,
Isoladas
Atrás de mim.
Meu sexto sentido me diz
Pra deixar assim.
Minha curiosidade já
Não anda tão aguçada.
Pra destravar
Destrancar.
O que eu não quero mais lembrar.
O que me fez chorar e suportar tanto descontentamento e desilusões
vivas ao longo dessa vida.
As portas se travam com obstáculos e situações que me fizeram recuar.
Mas , que nunca me farão desistir e nem achar que é o fim.
De encontrar novos caminhos,
De criar novas saídas,
De abrir novas janelas,
Para o coração e para a vida.



Ontem Leila Leite





Ontem

Ontem eu sentei na minha gasta cadeira e fiquei olhando a rua da calçada de casa, pensei no quanto meu universo é pequeno, mas logo esqueci e fiquei alí, fumei um cigarro e procurei uma boa fofoca pra fazer meu dia cansativo valer a pena.

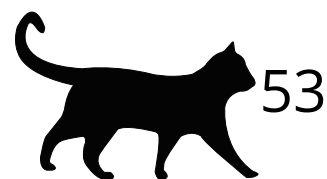
Meu cigarro já chegando na bituca e chega o filho de Dona Joana, menino muito bonzinho e que sempre me mantém atualizada das melhores fofocas do bairro e também me ajuda com a internet.

Não sei quantos anos ele tem, mas mora sozinho desde muito menino, a mãe botou ele pra fora de casa quando descobriu que ele gosta de meninos, coisa horrível o preconceito, logo Dona Joana, a mãe de santo mais poderosa dessas redondezas, digo é nada, mas é verdade, enfim.

Julinho sempre foi um menino muito sensível, mas a mãe não conhece e nem quer conhecer o filho que tem, mas eu gosto muito dele e ajudo em tudo que posso.

Então, eu bem olhando a rua, meu último cigarro, olhando a rua no último trago e ele me traz várias notícias a respeito da vizinhança, mas a mais interessante foi a do filho do Seu Jair, sempre achei ele um homenzinho nojento, um tal de vesgo, se eu tivesse a força de antigamente eu ia era lá pra ajudar, homem podre.





Vesgo nem gente era, pensa vizinha, eu tenho uma bengala aqui, dava pra abrir uma brecha na cabeça dele, mas ele não vale o preço que paguei com minha aposentadoria por ela, veja bem o que Julinho me contou e que depois toda a vizinhança confirmou.

Vesgo namorava uma menina bem mais nova do que ele, pelo menos uns dez anos mais nova, todo mundo via que ele não gostava da bichinha, passava o final de semana gastando o dinheiro que ganhava na feira em cachaça, era viciado em droga, eu sei que ele cheirava maconha, homem podre, todo mundo sabe.

Certo dia ele começou a bater na menina, Fabrícia, esse era o nome dela, menina bonita, novinha, ninguém na família dizia nada, a mãe dele tinha era medo daquela praga, ontem, bem na hora em que eu estava inocentemente fumando meu cigarro e procurando uma fofoca, ele deu sete facadas na garota.

O motivo? Ela olhou pro celular e o leite derramou no fogão, ele chegou na hora, enfurecido, pegou a faca que estava em cima da pia e deu sete facadas na menina.

Ele matou os sonhos, o brilho, a história e a beleza daquele dia cansativo.

Quando Julinho me contou, pedi que ele comprasse uma carteira de cigarro e fizesse um café bem forte pra nós dois.

Ontem eu sentei na frente de casa, peguei minha cadeira gasta, ela tem o formato da minha bunda, fumei muitos cigarros e fiquei em silêncio ao lado do meu amigo e descobri que o mundo precisa explodir pra nascer de novo. Julinho e eu tomamos café e fumamos em silêncio e partimos pro velório com nossa faixa de protesto e tudo que a revolta implode e explode em nós.

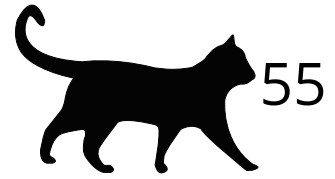
Foi ontem.



Nem uma a menos

Rita Melém





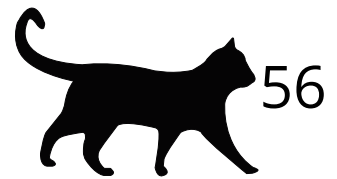
Nem Uma a Menos

Elas estão marchando
Chegando de todos os lugares
São mulheres do campo, da floresta das águas, da cidade
São indígenas, negras, são muitas, são milhares

Mulheres em luta, mulheres em marcha
São nossas parentes, fortes, aguerridas
Lutam por direitos, por soberania popular
Empoderadas, são um mar de margaridas

Lutam contra todas as formas de violência
Por respeito, democracia, justiça, igualdade
Trabalhadoras rurais, ribeirinhas, quilombolas, indígenas
Mulheres do campo e da cidade





São milhares na resistência e na luta por direitos
Por uma educação não sexista e antirracista
Chega de feminicídio, vidas negras importam
São potentes, decididas, feministas

Queremos mulheres vivas
Parem de nos matar
Chega de machismo, misoginia
Este ciclo de violência tem que acabar

Seu corpo, suas regras, seu território
Ocupam seus lugares, não calarão
Seguirão em marcha até que todas sejam livres
“Nem uma a menos”, gritarão!



Editora Gato Ed

